

Aprendizagem pré-histórica

É possível voltar os olhos para épocas tão remotas quanto interessantes e, assim, alcançar o *Homo habilis*, por exemplo, espécie de homídeo surgida na aurora do Plistoceno, há 2 milhões de anos, aproximadamente. Tal espécie foi a primeira a inventar ferramentas de pedra lascada, facilitando certas tarefas que tinha de empreender, como cortar a pele mais dura de alguns animais para se alimentar. A inteligência emergiu mais altiva, pouco a pouco, e seguiu em sua marcha pelas estradas da vida. Então, este ser primitivo, já com o cérebro de tamanho considerável, iniciou a construção de ferramentas que lhe renderam comodidade e sobrevivência, além de estimular o funcionamento cerebral, ampliando as margens do conhecimento em medidas cada vez mais invejáveis. Formava-se mais massa cinzenta pensante, com leves tracejados de dedução (se a pedra lascada feria a pele, podia muito bem cortar outras coisas) e pinceladas de planejamento (conhecer as mais adequadas e melhores pedras pela cor e odor e procurá-las, a fim de fabricar permanentemente a poderosa e portátil máquina de rasgar e gerar novas oportunidades de consumo alimentício).

Paralelamente a tal avanço, seguiu-se a essencial missão de ensinar cada importante achado à descendência. As ligações sinápticas entre os neurônios não apenas disparavam em saltos através das invenções, mas criavam os registros correspondentes e conectavam avidamente, de modo inspirado, a aprendizagem entre educando e educador. O quebrar da pedra, a inspeção do corte, o teste e o acompanhamento da reprodução técnica - eis as disciplinas simples, porém precisas, que atendiam à demanda com perfeição e bem provavelmente causavam prazer diante da meta educacional atingida! Olhos atentos ao feitio do equipamento de última geração poderiam colocar nas mãos do aprendiz a cobiçada certificação, aquela que permitiria mantê-lo vivo, curioso, e em constante aperfeiçoamento. A aula das aulas, ali, numa condição primitiva e assustadoramente hostil. Teoria e prática, aprendizagem e resultado.

Quem sou eu para propor qualquer nota a uma prova tão colossal? Todavia, sinto-me impelido a dar um dez com louvor pelo sucesso alcançado em tal parceria educacional pré-histórica, muito em razão dos desdobramentos intelectuais a que se submeteu o *Homo habilis* ao ter de extrair mais de si mesmo e oferecer tal riqueza aos demais do seu convívio. A aprendizagem na pré-história foi uma conquista sem igual, pois permitiu longevidade vital com certa dose de conforto. Aprender foi a chave que abriu os portões evolutivos que atravessam até hoje tantos quantos sejam devotos da superação e da busca pelo saber em sítios e condições por vezes inimagináveis. ■



Armando Correa de S. Neto
Psicólogo, professor e
mestre em Liderança
selfcursos@uol.com.br